

A morte de Yonlu como caso emblemático da realidade do suicídio de jovens na internet¹

Patrícia Gonçalves SALDANHA²

Gilmar Pereira da SILVA³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O presente trabalho toma como objeto de estudo a morte de Yonlu, um dos primeiros casos de suicídio de jovem com apoio da internet no Brasil, para entender, de modo mais amplo, a questão do autoextermínio juvenil. A partir do caso particular, buscamos encontrar generalizações que são cotejadas com a filosofia de Kierkegaard (2007) e com a sociologia de Hall (2006), observando o suicídio como fruto do desespero, da dificuldade de afirmação de si na relação com o mundo, o que passa pela influência da ambiência midiática na constituição identitária do jovem. Para tal, precisamos adentrar o conceito de midiatização de Sodré (2002). Por fim, cotejamos essa revisão bibliográfica com conclusões estatísticas sobre suicídio no Brasil de órgãos nacionais, como IPEA e Secretaria de Vigilância em Saúde, para validar nossa hipótese de que a mídia pode corroborar e promover a ideação suicida.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio na Internet; Yonlu; Desespero; Identidade; Juventude; Midiatização.

INTRODUÇÃO

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, Albert. O mito de Sísifo). Desde que foram escritas, as palavras do pensador argelino continuam pertinentes dado que o tema do suicídio permanece tabu, ainda mais quando se trata do seu cometimento por pessoas na “flor da idade”, jovens e adolescentes. Em verdade, o crepúsculo da vida por parte daqueles que se consideram ainda no seu alvorecer causa grande comoção. Mesmo o grande fluxo de informações, com o advento da internet, ou o desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade não fizeram do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação para Cidadania (GP08) do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023..

² Profª Drª Associada 3 e atual Coordenadora do Curso de Comunicação Social e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal Fluminense e membro Permanente do PPGMC - UFF (Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano). Fundadora e atual Líder do LACCOPS (Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social)/FAPERJ, e-mail: patriciasaldanha@id.uff.br.

³ Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC-UFF, mestre em Comunicação e Semiótica pelo PPGCOS-PUC/SP, membro do LACCOPS, e-mail: pereiragilmar@id.uff.br.

problema do autoextermínio algo mais fácil de ser tratado. Antes, colocaram outras questões, como a possibilidade de apoio à decisão derradeira através das redes sociotécnicas e seu impacto sobre as juventudes, uma grande massa a interagir em ambiente digital. Nesse sentido, é emblemático na relação mídia, suicídio e juventude, sobretudo no Brasil, o chamado caso Yonlu, tratado na imprensa brasileira como um dos primeiros episódios no país – ao menos público – de jovens a se suicidarem com informações e ajuda de pessoas obtidas através da internet. Sua importância se dá também por sua repercussão, que resultou no lançamento de dois álbuns fonográficos com canções do jovem – um no Brasil, em 2007, e outro nos Estados Unidos, em 2009 (que também foi publicado no Brasil em 2022) – além de um filme sobre sua história, em 2018.

1 A HISTÓRIA DE YONLU

Mas quem era Yonlu? Uma reportagem da Revista Época (BRUM; AZEVEDO, 2008), dois anos após sua morte, detalha seu perfil. Yonlu era o nome utilizado por Vinicius Gageiro Marques em suas interações digitais na internet. Nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no ano de 1989, o jovem era filho de Luiz Marques, professor de Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ex-secretário de Cultura do estado do Rio Grande do Sul no governo Olívio Dutra, e da psicóloga e psicanalista Ana Maria Gageiro. O menino se destacava por seus talentos desde a infância. Tendo vivido com a mãe durante seu doutorado em Paris, foi alfabetizado em francês, adquirindo posteriormente fluência em inglês e conhecimento em galês. Já na primeira infância foi introduzido no universo musical, aprendendo violão, piano e bateria. Por sua grande sensibilidade, começou a fazer terapia em psicanálise aos 8 anos e aos 12 já lia Kafka. Tudo isso exemplifica o porquê de ser adjetivado como “extraordinariamente inteligente”, “extremamente sensível” e até “superdotado” (Ibidem). Em sua adolescência, Vinicius possuía uma presença ativa na internet, participando de sites e fóruns de suicídio e de música, onde, em inglês fluente e se passando por um jovem de 26 anos, costumava compartilhar seus sentimentos e suas músicas autorais. Além de compor e tocar, Yonlu fazia todo o trabalho de produção. Por essas músicas, ele significava seus afetos, suas angústias, tratando de temas como depressão, desilusão amorosa e suicídio; era o modo com o qual lidava com seu mundo interior. “Eu acredito que a cadência e a harmonia certas no momento certo podem despertar qualquer

sentimento, inclusive o da felicidade nos momentos mais sombrios” (MARQUES apud BRUM; AZEVEDO, 2008) – escreveu Vinícius no dia de sua passagem. Entre seus sofrimentos, consta o transtorno de autoimagem, como apontou o inquérito de sua morte. Ele sentia que seu corpo se desintegrava e o rosto deformava. Por isso, precisava recorrer a um espelho para ter certeza de que estava ali. Muitas vezes buscava o próprio reflexo no verso de um CD, que levava para a escola a fim de se olhar sem chamar a atenção dos demais.

Na internet, como em um dos fóruns do qual participava – com cerca de quase 2 mil usuários na época da reportagem – Yonlu encontrava frequentemente apoio à sua intenção de suicídio, isto é, incentivo para levar sua vida a cabo. Já os elogios e a apreciação de sua música por outros, em contraparte, ainda lhe serviam de paliativo ao sofrimento, levando-o a postergar a ideação suicida. Foi o que ocorreu em 23 de junho, quando postou que adiaría sua morte por conta dos muitos elogios às suas músicas. Segundo a mesma reportagem, uma composição, “Deskjet Remix”, em parceria com um DJ escocês, estaria sendo tocada em festas eletrônicas de Londres. Isso evidencia que os fóruns *online* lhe constituíam um poderoso e perigoso meio de validação social, seja endossando ou contrapondo seus sentimentos de desvalorização e angústia existencial. Essa validação social *online* parece que lhe conferia algum sentimento de pertença à medida em que ele entendia seus sentimentos e ideias compreendidos pelos demais usuários e, ao mesmo tempo, recebia certa gratificação através dos elogios e reconhecimentos. Não obstante, o ambiente digital onde todos estavam reunidos tinha como elo a temática do suicídio, tornando a ideação suicida elemento identitário. Isso é ainda mais significativo para jovens no processo comum da adolescência de romper com algumas identificações parentais a fim de afirmar-se como sujeito. Isso coloca o problema das comunidades *online* como parte da constituição identitária dos jovens nascidos digitais. Desse modo, Vinícius se identificava com essa comunidade *online* cujo eixo de pertencimento era a ideação suicida e, de um só passo, era esse mesmo grupo que validava sua identidade.

Quem parece corroborar com essa visão é o próprio psicanalista de Vinícius, Mario Corso. Em entrevista à Revista *Época*, Corso afirma que o jovem paciente habitava a internet e que os fóruns dos quais participava teriam papel crucial em sua decisão derradeira:

Ele habitava nela. Não vamos achar que a internet é uma coisa ruim a priori. Ele construiu a obra dele na internet, a troca de músicas que resultou no disco interessante que ele fez foi graças à internet. A internet pode ser extraordinariamente interessante, ela possibilita encontros que não estavam colocados antes. É o paraíso dos solitários, das pessoas tímidas. Tem proporcionado a construção de laços entre pessoas distantes. Agora, por outro lado, a internet possibilita também o contato de outro tipo de coisa que nunca aconteceria sem ela. A internet não criou nenhum tipo de doença mental, todas elas pré-existiam. Mas ela possibilita o incremento de certas morbidades por uma possibilidade de compartilhar e, a partir disso, criar uma identidade. Um exemplo é o que acontece com a anorexia, uma doença gravíssima, muitas meninas morrem disso. Antes da internet, uma não encontrava a outra. Com a internet o que elas conseguem? Trocam idéias sobre a anorexia não no sentido da auto-ajuda, mas da manutenção da patologia. E da glamourização dela. Encontram alguém que as apóia em permanecer nessa atitude doentia, a construir uma identidade a partir dela. (CORSO, 2008).

Foi com o apoio dessa comunidade digital que a história de Vinícius encontrou um desfecho trágico. Como estava em internação domiciliar há dois meses por recomendação de seu psicanalista, o adolescente passou a simular melhora de seu estado emocional. Entretanto, seu alter ego, Yonlu, continuava ativo nas redes e buscando um modo de cessar seu sofrimento de modo definitivo. Como parte de sua estratégia de dissimular sua intenção, Vinícius iniciou um tratamento de pele e até pediu que os pais comprassem o ingresso para um show que aconteceria após a data em que estabeleceria para seu óbito. Ele relatou interesse afetivo por uma garota e disse que queria fazer um churrasco no apartamento com alguns amigos. Por sua timidez, pediu a ausência dos pais, que consideraram a pequena festa um fator positivo de sua socialização e melhora. Assim, na manhã de 26 de julho de 2006, Vinícius foi ao supermercado comprar carne e teve ajuda dos pais na arrumação do apartamento, do qual saíram para lhe dar privacidade. Momentos depois, ele ligou para a mãe a fim de dizer que os convidados haviam chegado e que estava tudo bem. Os pais passaram na portaria do prédio para lhe deixar um violão que estava no concerto e que seria tocado naquela tarde. Na verdade, a constituição de toda essa cena foi pensada para ocultar o verdadeiro uso das duas churrasqueiras portáteis: a intoxicação por monóxido de carbono, trancafiando-se com elas em um banheiro. Ao pôr o plano em prática, seu intento começou a falhar por não aguentar ficar no cômodo, dado o calor gerado pelas brasas. Foi assim que, por volta das 14h28min, Yonlu pediu ajuda em um grupo na internet sobre o que fazer para suportar a alta temperatura, compartilhando uma foto das churrasqueiras acesas. Como resposta, um bombeiro aposentado de Chicago lhe orientou a retirar suas roupas e a se enrolar em um pano

molhado até que desmaiasse. O último post de Yonlu foi às 15h02min. Ele deixou uma carta de despedida do lado de fora do banheiro, ligou o aparelho de som – porque, em suas palavras, “é bom morrer com música alegre” – e se fechou na câmara que criara para a auto execução. Uma amiga virtual no Canadá foi quem relatou o que ocorria à polícia local, que, por sua vez, contactou a polícia de Porto Alegre, mas já era tarde para que esta conseguisse reanimar o rapaz ao entrar no apartamento, às 16h10min (BRUM; AZEVEDO, 2008). O trágico estava consumado.

1.1 O problema do autoextermínio

Para entender a morte de Vinícius e, com ela, a do autoextermínio de jovens com apoio da internet, é importante conhecer suas motivações e, nesse sentido, os relatos de seu psicanalista podem ser muito úteis. Mário Corso (2008) explica sobre o flerte de seu paciente com a morte, atestando que “ele não falava que queria se matar. Ele falava que era impossível viver, que não se sentia com forças para viver, o que é um pouco diferente de ter vontade de morrer. Ele tinha uma vontade de desaparecer, de que algo cessasse a dor constante que ele sentia”. E que dor seria essa? O psicanalista descreve o jovem como alguém que, dotado de grande inteligência e sensibilidade, compreendia as mazelas do mundo, mas não possuía maturidade afetiva suficiente para suportar o impacto desta percepção.

O Vinícius herdou do pai a profundidade política, social, e da mãe a perspicácia emocional. Tinha o que poderíamos chamar de excesso de lucidez. Mas sem condições de suportar essa carga por causa da pouca idade. Era um menino que tinha uma capacidade de compreender profundamente o mundo, mas não tinha a consistência emocional para dar conta do que via, do que decodificava. Reduzido a si mesmo, via-se deformado, feio, pequeno. Ele tinha uma hipersensibilidade ao mundo que lhe fazia bastante mal. Como se ele vivesse um pouco o noticiário, o mundo como ele acontece. Era uma caixa de ressonância do mundo. (...) Ele sofria com a brutalidade do mundo. Este era um tema caro para ele: sofria vendo as pessoas sendo humilhadas, sofria com a hierarquia. Ele tinha uma compreensão hiperbólica do mundo. (CORSO, 2008).

Isso nos dá os elementos essenciais para pensar o suicídio em geral, mas sobretudo dos jovens. Há uma dor sentida pela pessoa em sua interação com a realidade e que, por não vislumbrar possibilidade do fim daquilo lhe fere, põe fim a si nessa relação. Se de um lado a juventude, em sua pouca experiência, poderia aventar que há muitas possibilidades inexploradas e, portanto, possibilidades para a angústia e o desespero, em contrapartida,

justamente por um menor universo existencial, posto que pouco se viveu, ela entende tudo o que vive e sente como maiores do que poderia caso não tomasse exclusivamente a própria experiência como critério de comparação entre o sofrido e o vivido. O sofrimento de uma semana para quem tem 16 anos é maior que o mesmo período para quem viveu 50, a proporção não é igual. Um momento de vergonha na faculdade para quem estuda, trabalha e está inserido em diversos grupos sociais tem menor relevância do que para alguém que, basicamente, tem a escola como o principal espaço de socialização. O tamanho da percepção do sofrimento pode diminuir as esperanças de seu fim e da capacidade de conviver com ele, um critério que pode ser comum a pessoas mais velhas, conforme seus afetos e experiências. Assim, a questão das possibilidades é central na relação com o suicídio, mas sobretudo da afirmação de si nessas possibilidades, isto é, de não se negar, de não pôr fim a si na falta de esperanças sentida em relação ao futuro e ao mundo. É aqui que entra o tema do desespero, muito tratado pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, grande influenciador do pensamento de Albert Camus, com quem começamos esse artigo, e referencial que fundamentou sua obra sobre suicídio chamada “O mito de Sísifo”. E como isso toca a questão da afirmação de si, podemos falar também da formação da identidade do sujeito, sobretudo pensando o papel da dimensão digital da vida nela, ou melhor, o lugar da mídia na constituição identitária dos jovens.

2 O DESESPERO COMO RAIZ DO SUICÍDIO

O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, sob o pseudônimo de Anti-Climacus, escreveu uma obra publicada em 1849 onde trata do tema do desespero, conhecida por dois títulos “O desespero humano” ou “A doença para a morte”. Nela, o autor desenvolve a ideia do desespero como doença fundamental da alma e examina suas diferentes formas. De modo geral, Kierkegaard entende que o humano é uma síntese entre finitude e infinitude, isto é, de um lado está ligado à realidade material da existência, mas teria um aspecto de ultrapassagem da própria natureza, o que o distinguiria dos animais. É este aspecto que lhe gera o sentido de ir além, a noção de futuro e até mesmo de infinito, o que lhe permite a liberdade, o escolher sobre si diante das infinitas possibilidades, e que teria sua origem no Deus que lhe cria à sua imagem e semelhança. Ou seja, Deus seria o princípio e fundamento da infinitude que constitui o humano e este, por sua vez, seria essa “síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade”

(KIERKEGAARD, 2007, p.19). Portanto, o humano em Kierkegaard é uma relação. Contudo, quando essa relação se relaciona consigo mesma, quando ela se desdobra sobre si e se conhece, ela se chama “eu”. O reconhecimento de si pediria, portanto, a afirmação do “eu”, a realização de si, com sua infinitude, na própria finitude da existência. Assim, a dificuldade em ser si mesmo, a incongruência sentida entre os termos dessa síntese que constitui o próprio humano, é o que consistiria no desespero.

Na filosofia de Kierkegaard, o indivíduo, com sua propensão ao futuro, encontra infinitas possibilidades de se realizar na existência, mas nada garante que serão satisfatórias. Essa “vertigem da liberdade” seria a marca da angústia, estreitamento existencial entre o porvir – cujo destino último é a morte – e o passado, aquilo que já não é. Percebendo-se como um eu de liberdade e infinitas possibilidades, o indivíduo aspira a felicidade, a realização de suas potencialidades. A angústia de fazer escolhas que possam culminar no seu naufrágio faz o indivíduo fugir de si e tentar não escolher. Contudo, quando se dá conta de que não há como não fazer escolhas, já que evitá-las também é escolher, relega essa decisão a uma exterioridade moral, passando a ser um cumpridor das normas, o que não traz menos frustração por não cumprir os próprios imperativos que sente de sua infinitude. São esses os estádios⁴ estético e ético da existência segundo o dinamarquês, um no qual se tenta manter em aberto a opção fundamental sobre si e o outro no qual tal escolha é tangenciada no cumprimento obrigatório da moral. A afirmação do “eu”, a escolha sobre si, o afirma-se na existência dependeria de um salto de fé que é, de um só passo, confiança em si e em Deus, seu fundamento. É disso que deriva a percepção das três formas de desespero: “O desespero inconsciente de ter um ‘eu’ – o que é verdadeiro desespero; o desespero que não quer; e o desespero que quer ser ele mesmo” (Ibidem).

2.1 Do desespero ao suicídio, uma abordagem filosófica

Abstraindo da questão propriamente religiosa, podemos concordar com Kierkegaard que o sentimento de infinitude é comum ao ser humano que, percebendo em si suas inúmeras possibilidades, quer se realizar na existência. Sabendo-se caminhante para o fim, já que não pode afirmar categoricamente um além, este só tem o presente

⁴ Kierkegaard usa a expressão estádio e não estágio porque a primeira expressão acentua o estado, enquanto a segunda pressupõe uma passagem. Entretanto, não se passa necessariamente do estético ao ético, nem do ético ao religioso, ao modo de estágio, podendo se viver permanentemente em um ou outro.

como lugar de realização. O absurdo da existência e a possibilidade do fim unidos ao sentimento de infinitude são, em Kierkegaard, as bases da angústia e do desespero. Assim, o sentido da vida está propendido entre o que já foi e o que será (ou não será), um sentido que não pode se direcionar para lugar algum, seja passado ou futuro, mas que precisa ser sentido em si mesmo e basear-se na afirmação de si no presente da vida. A escolha sobre si é a decisão fundamental nessa filosofia, é ser si mesmo para além da coercitividade social e, por isso, não há regra ou parâmetro a guiar o indivíduo senão a própria subjetividade. É daqui que se entende o suicídio como derivação do desespero, porque aí há uma tentativa de eliminar a tensão entre quem se é e o lugar de realização de si, o mundo da vida, rompendo com a relação pela eliminação do elo possível, o eu. Como as tentativas de realização constantemente caem na frustração da falha ou da insuficiência (uma vez que o real sempre se distingue do ideal imaginado ou aspirado), ser si mesmo é sentido como impossibilidade. Ser um outro, distinto de si, configura-se também como impossibilidade. Sobra, portanto, ou negar-se radicalmente ou insistir em ser (insistir em existir), apesar de tudo, como o caminho certo. Essa certeza, entretanto, não é outra coisa que um salto de fé. Disso se compreende as três formas de desespero: 1) não querer ser quem se é e negar a própria identidade; 2) querer ser uma versão idealizada de si, o que culmina em frustração; 3) desespero do desespero, onde a pessoa, mergulhada na angústia e desesperança, sente-se incapaz de escapar disso e se resigna de não haver esperança. Para Kierkegaard é aí que começa a fé, quando a pessoa, esvaziada da esperança em si, tem condições de saltar no Absoluto divino e o faria desde o encontro com esse infinito que encontra em si. Por isso, o ato de fé kierkegaardiano não é uma alienação do mundo, mas um afirmar-se neste contra qualquer esperança. Paradoxalmente, podemos concluir que o suicida ainda tem uma esperança, a de colocar fim à sua dor pelo ato derradeiro. Aqui há uma sutil diferença que entende que a fé começa quando acaba a esperança. Existir ou ser si mesmo para além de qualquer esperança é salto de fé a apostar no (que se sente de) infinito de si diante da própria finitude, dos limites da existência. No caso de Yonlu, seu eu se sentia oprimido pela realidade do mundo e o fim desse sofrimento se lhe afigurava difícil ou impossível sem a eliminação de um dos pólos da relação.

2.2 O problema da identidade

O grande problema que parece se impor é relativo à afirmação de si na existência, o que implica a questão da identidade, tratada classicamente e na religião como uma unidade do sujeito que unificaria seu ser e suas experiências, uma noção estática e essencialista. Acontece que a identidade pode ser compreendida de outra forma, como acontece na contemporaneidade. Segundo o sociólogo Stuart Hall (2006), ela é concebida na pós-modernidade como um fenômeno fluido e mutável, moldado por interações sociais e influências contextuais. Sua formação seria um processo dinâmico que ocorre em meio a estruturas sociais e contextos históricos e culturais específicos. Seguindo Freud e Lacan, Hall fala que toda a fragmentação e pluralidade que compõem o sujeito é unificada não de dentro, como se houvesse uma essência, mas de fora, do olhar “no espelho” que se reconhece como uma unidade, sendo esse espelho o olhar do outro ou o que imagina desse olhar.

Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39).

A identidade não é um dado pré-determinado, mas um construto que emerge através de complexos mecanismos sociais, discursivos e políticos. É nesse sentido que os meios de comunicação contribuem para a construção da identidade ao apresentarem representações simbólicas e discursos que moldam a maneira como os indivíduos se veem e se relacionam com os outros, desempenhando papel ativo na produção de significados e na definição do que é considerado normal, legítimo ou desejável.

Desesperado, o sujeito, que quer se afirmar e sente a impossibilidade de fazê-lo na concretude da existência, sente o infinito dos seus desejos como sinal de sua infinitude – aqui, pensada na dimensão das múltiplas possibilidades de quem está em devir e do que ultrapassa o simples estado de natureza e adentra a esfera da cultura, que é o simbólico – , conflitante com a finitude do real. A compreensão de si, dos seus desejos, de sua realização e suas possibilidades são moldadas pelos universos de significação no qual se insere, o que inclui a mídia. Uma comunidade, mesmo que seja *online*, exerce influência sobre o sujeito com o capital simbólico que aporta. Ele precisa cotejar esses valores com

os outros que lhe formam e que advém de seus outros círculos sociais, o que não é tão simples quando não se possui a capacidade de dimensioná-los conforme a maturidade afetiva ou mesmo o nível de sofrimento que se inflige sobre a mente e que leva a considerar as possibilidades de fim da dor existencial como mínimas. É o que acontece com Yonlu e pode ser recorrente em outras vivências que flertam com o autoextermínio, o que nos leva a sair da esfera do caso particular aqui estudado e perceber o suicídio como fato social.

2.3 O agravamento da mediação

Importa aqui ressaltar o papel da mídia na produção social de sentido, sobretudo na era da mediação, um conceito em construção, com perspectivas tanto do norte global, com ênfase no pensamento europeu, como do sul global, com destaque para olhares latinos, destacando o viés brasileiro. Para além de uma terminologia cada vez mais evidente no campo comunicacional, trata-se de uma concepção primordial, “cujo sentido vem sendo disputado por diferentes posicionamentos teóricos calcados nos conhecimentos formados a partir de vivências alinhadas a realidades específicas” (Saldanha, 2022, p.81). Um dos grandes desafios dos estudos em comunicação é, portanto, compreender as possibilidades de articulação da mediação na vida cotidiana considerando suas possíveis efetuações no espaço físico, no espaço virtual ou mesmo nas interações entre ambos nas práticas da vida ordinária, como no caso de Yonlu.

Compreender a internet como lócus da vida ordinária é o mesmo que entendê-la como “um âmbito propício para a produção e o compartilhamento do Comum (Dardot & Laval, 2017)” (Ibidem, p.79), ou seja, como o espaço de todos e para todos, onde ocorrem as práticas centrais de mediação. Quer dizer, seja na casa, na tela ou na relação entre ambas, há uma circulação de significações em texto e/ou imagem. Logo, “a mediação é um processo de difusão, atravessamento e impacto dos sentidos produzidos pelos meios de comunicação nos espaços sociais contemporâneos” (Ibidem, p.79).

Assim, se tomarmos as visões ocidentais mais axiomáticas, podemos considerar tanto as acepções técnicas (Hjarvard, 2014) como as socioculturais (Martin-Barbero & Barcelos, 2000) como possibilidades, mas é na perspectiva crítica latina para os estudos da comunicação contra hegemônica no cenário popular, comunitário e cidadão (Sodré, 2014). (Op. Cit. p.79) que discorreremos nossa discussão de mediação.

Aqui tomamos o conceito desenvolvido pelo jornalista e sociólogo Muniz Sodré, que a define como "tendência à 'virtualização' ou telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação" (SODRÉ, 2002, p.21). Isso quer dizer que a midiaticização é um tipo específico de estrutura de medição, um fluxo comunicativo que estabelece interações humanas a partir da produção social de sentido. Assim, mediação se refere à base comunicacional da cultura e a midiaticização se coloca como uma forma de interação humana assente na tecnologia e marcadamente influenciada por sua lógica e daquilo para o qual sua produção e desenvolvimento se volta, o capital. Uma abrange a vida humana como um todo, sobretudo a partir das instituições que regulam a vida social; a outra, a relação entre as instituições sociais e a mídia desde a lógica inerente ao sistema de produção capitalista, do qual a própria mídia é engrenagem fundamental.

Já a midiaticização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de ‘tecointeração’ – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium. (Ibidem, p.21-22)

A fase atual da tecnologia propõe a vivência das relações numa outra forma de vivência do tempo e do espaço, a aceleração e a ambiência digitais. Dessa forma, a midiaticização, requalifica parte da vivência humana com essa nova proposição espaciotemporal criando regimes de sentido no contexto do capitalismo tecnocrata, cooptando via mídia as instituições que compõem a sociedade.

Em suma, a mídia forneceria os códigos semióticos que engendram a produção de sentido nas relações sociais como sustentação e fomento da acumulação de capital – frankfurtianamente poderíamos dizer que a indústria cultural é pilar da sociedade do espetáculo. Acrescentaríamos a isso que, com a aceleração e ambiência digitais, na fase atual do tecnocapitalismo e da mídia, há uma alteração na experiência de espaço e tempo, categorias kantianas de entendimento, que conformariam as relações sociais e o campo existencial dos indivíduos à esfera do midiático. Os sujeitos não só existem, mas precisam

existir também digital e midiaticamente, uma vez que as relações sociais são interpenetradas pela mídia e seu ordenamento para o capital.

Partindo-se da classificação aristotélica, a midiaticização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a "tecno cultura"). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no ethos abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital. (Ibidem, p.25)

O que aqui se quer expor é o lugar de instituição que a mídia passa a ocupar na sociedade, modelando relações sociais. Esse processo de modelação da cultura pelos regimes de sentido que emergem da mídia como fomento e sustentação de um sistema sociopolítico e econômico seria justamente a midiaticização. No caso de Yonlu, o fórum do qual participava não era apenas um meio de comunicação e expressão de seus sentimentos, mas, como um nativo digital, lugar em que habitava e cuja cultura centrada no suicídio era, de fato, modeladora de sua percepção de si e do mundo. Sua identidade é forjada nesse segmento social digital e se torna agravante em sua ideação suicida. A internet é parte de seu mundo e a vivência que ali encontrou teceu os códigos semióticos que lhe ajudaram na leitura de suas possibilidades e na elaboração do autoextermínio como saída à dor existencial. O simbólico é o fundamento da realidade que se apresenta o indivíduo e o fórum que Yonlu participava se construiu no campo semântico da morte.

3 OS DADOS CORROBORAM

A hipótese do suicídio como ação relacionada com as possibilidades de realização de si e fim do sofrimento parecem ser compatíveis com a noção do seu aspecto social, principalmente quando a conjuntura sociocultural corrobora a desesperança ou o desespero. Aqui enfatizamos, particularmente, o papel da mídia nessa construção. Segundo um estudo de 2013 realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (LOUREIRO; MOREIRA; SACHSIDA, 2013), analisando dados de 27 estados brasileiros entre 1980 e 2009, a mídia ocupa o terceiro lugar como fator motivador do suicídio, após desemprego e violência, para todos os grupos populacionais. Um aumento de 1% do fator mídia – veiculação de notícias ou interações em redes sociais em torno do suicídio – eleva a taxa de autoextermínio em homens com idade entre 15 e 29 anos em

5,34%. Isso sugere um possível efeito de contágio nas taxas de suicídio. A influência da mídia ocorre tanto por meio de plataformas *online*, onde o tema é abordado de forma colaborativa, quanto pelos meios tradicionais de comunicação, onde a história de suicidas e o tema são veiculados, gerando algum tipo de comportamento de grupo. “Existem grupos de pessoas suscetíveis ao suicídio, em decorrência da mídia. Isto é, elas são influenciadas por algum tipo de comportamento de grupo, por exemplo, alguma tribo de jovens e adolescentes que propaga suas ideias por meio de mídias sociais” (Idem, p. 7). Ressalta-se aí o impacto da história de suicidas sobre pessoas com ideário de autoextermínio. Os resultados destacaram também a relação entre desemprego e suicídio, com maior impacto nos jovens do sexo masculino. O desemprego afeta significativamente as taxas de suicídio, com um aumento de 1% na taxa de desemprego correspondendo a um aumento de 5,95% nas taxas de suicídio entre os rapazes. Ou seja, um cenário de desamparo social, que pode ser sentido como opressor e de modo desesperançado, tem papel significativo no autoextermínio.

Essa percepção se mostra também nas conclusões do 33º Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2021. Ali a Secretaria de Vigilância em Saúde reconhece que as taxas de suicídio entre adolescentes e jovens no Brasil têm apresentado um aumento alarmante, sendo a quarta principal causa de morte na faixa etária dos 15 aos 29 anos (BRASIL, 2021). O documento mostra que diversos fatores têm sido identificados como influências para esse comportamento, tais como tristeza, desesperança, depressão, ansiedade, baixa autoestima, experiências adversas, falta de suporte social, exposição à violência e discriminação escolar, além do uso de substâncias psicoativas. O que corrobora nossa tese da desesperança. Além disso, o ministério aponta que as gerações Y (nascidos entre 1981 e 1995) e Z (nascidos após 1995)⁵, conhecidos como "nativos digitais", têm sido particularmente afetadas, apresentando maiores taxas de ansiedade, depressão, automutilação e suicídio. Esses jovens enfrentariam dificuldades em lidar com frustrações e adversidades, demonstrando menor resiliência e uma tendência ao imediatismo, o que endossa nossa visão da percepção suicida de menor possibilidade de pôr fim ao sofrimento senão pela morte. Sendo Yonlu um jovem da geração Y, temos

⁵ Os nascidos da explosão de natalidade após Segunda Grande Guerra ficaram conhecidos como Baby Boomers e protagonizaram movimentos de caráter revolucionário em sua juventude, colocando uma incógnita na geração seguinte (1960-1982) – por isso, geração X. As gerações seguintes seriam Y (1980-1990), que cresceu durante a transição tecnológica, com a expansão da internet e das mídias digitais, e Z (1990-2010), que tem a tecnologia digital como parte integral de suas vidas desde que nasceram. Essas definições e datas são discutíveis. Usamos no artigo a referência do 33º Boletim Epidemiológico.

forte indício de que a cultura que marca sua geração pode ter contribuído na ideação de que a autoimolação seria solução para sua dor.

CONCLUSÃO

Como um dos primeiros casos de suicídio na internet registrados no Brasil, a morte de Vinícius Gageiro Marques, o Yonlu, se tornou paradigmática para a discussão sobre mídia, juventude e suicídio. Vimos, pois, um jovem que tinha uma compreensão hiperbólica da realidade que o cercava, tornando sua existência angustiada, e incapaz de ver possibilidades para o fim de seu sofrimento sem o fim de um dos pólos da relação indivíduo-mundo. Apesar de inteligente, possuía certa imaturidade afetiva, própria da idade, e estava imerso no contexto sociocultural de sua época, um tempo que parece se reger na velocidade da hipermídia, marcado por maior imediatismo e menor resiliência. Esse jovem também tem sua identidade forjada em seus principais grupos sociais, onde se sobressaem os fóruns da internet, como lugar social cujo vínculo identitário era a temática do suicídio. Tanto pelo efeito de contágio, quanto pela incapacidade de afirmar-se no mundo para além de seu desespero, Yonlu encontra apoio e validação midiática para o autoextermínio. A comunidade que o acolhe, acolhe-o em seu desejo de morte. A esperança do fim da dor pelo fim de si é moldada nesta ambiência digital e passa a ser tecedora de parte de sua identidade pelo vínculo de pertencimento ali estabelecido. A morte passa a ser destino buscado.

REFERÊNCIAS:

ABE, Paulo. O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: Melancolia, Preguiça, Vertigem e Suicídio. **Cadernos IHU Ideias (Unisinos)**, São Leopoldo, v. 19, n. 312, p. 5-21, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**, número 33, setembro de 2021. Disponível em: <https://shre.ink/mx2D>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRUM, Eliane; AZEVEDO, Solange. Suicídio.com. **Época**, Rio de Janeiro: Globo, ed. 523, 26 mai. 2008. Semanal. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dtHLZ>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CORSO, Mário. "Há um centro de valorização da morte na internet" [Entrevista concedida a Eliane Brum]. **Época**, Rio de Janeiro: Globo, ed. 508, 09 fev. 2008. Semanal. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jvFIW>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo**: Uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção de fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HJARVARD, Stig. A midiatização da cultura e da sociedade. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **Comum—Ensaio Sobre A Revolução No Século XXI**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

LOUREIRO, Paulo R. A.; MOREIRA, Tito Belchior; SACHSIDA, Adolfo. Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros. **Texto para Discussão**, n. 1851, Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2013. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2264/1/TD_1851.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BARCELOS, Ciro. Comunicação e mediações culturais. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, Intercom, v. 23, n. 1, p. 151-163, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbcc.v23i1.2010>.

NAGAFUCHI, Thiago. Internet e Suicídio: caminhos para compreensão e construção de ações preventivas. **Internet&Sociedade**, v. 2, n. 1, junho de 2021, p. 258-279.

SALDANHA, Patrícia Gonçalves. Midiatização Latina: uma perspectiva crítica sobre os impactos sociais da comunicação digital no cenário popular, comunitário e cidadão. In: KROHLING PERUZZO, Cicilia M. et al. (Org.). **Reivindicar el cambio**: comunicación popular, comunitaria y ciudadanía en América Latina. Compilado por Washington Uranga e Sandra Meléndez-Labrador. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Huvaití Ediciones, 2022.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, Denise. A cerzir um eu estilhaçado: costuras ambíguas sobre o suicídio de jovens a partir de Elena, Garoto Interrompido e Evelyn. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (org.). **Corpos, imaginários e afetos nas narrativas do eu**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2020. p. 185-200.

TUCHERMAN, Ieda; SAINT CLAIR, Ericson. Os meios de comunicação e o suicídio: uma breve genealogia da narrativa da própria morte. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 38, p. 44-50, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550194007>. Acesso em: 11 jun. 2023.